

ANA NUNES

O MISTÉRIO DAS
PEDRAS ENCANTADAS

coolbooks

Aos jovens que persistem,
acreditando no interior de Portugal

Serra!
E qualquer coisa dentro de mim se acalma...
Qualquer coisa profunda e dolorida,
Traída,
Feita de terra
E alma.

Uma paz de falcão na sua altura
A medir as fronteiras:
– Sob a garra dos pés a fraga dura,
E o bico a picar estrelas verdadeiras...

Miguel Torga

Agradecimentos

À Liliana Alves, perita na interpretação das terras de Aguiar, pelo seu olhar atento, pelas informações valiosas que disponibilizou e pela arte do bem acolher.

À administração do Pedras Salgadas Spa & Nature park, pela cortesia.

Quem são os 4 Quadrantes?





Emma é uma jovem destemida e gosta de viver o momento.

Pratica alguns desportos e é apaixonada pela prática de hóquei-patins, facto que a levou a praticar a modalidade na equipa da escola que frequenta. A sua maneira de ser descontraída e rebelde leva-a a contrariar as orientações da governanta, mademoiselle Gigi, que lhe tenta inculcar uma educação com base no glamour feminino.



Lucas é irmão de Ema, tendo sido adotado pelos pais daquela quando ainda era criança. Também ele é um desportista e pratica a mesma modalidade que a irmã. Tem grande curiosidade pelas ciências e pelas novas tecnologias, pelo que arranja sempre maneira de as colocar ao serviço das investigações dos 4 Quadrantes. É gentil e apaziguador, funcionando como o elemento conciliador em diversas situações.



Vicente é um adolescente que pretende seguir as pegadas do pai, que é veterinário. Como tal, adora animais, com quem consegue manter uma relação especial, estabelecendo com eles uma fácil comunicação e quase confirmando que existe uma linguagem universal. Influenciado pelas apetências do irmão mais velho relativamente às atividades radicais, tornou-se um adepto de parkour.



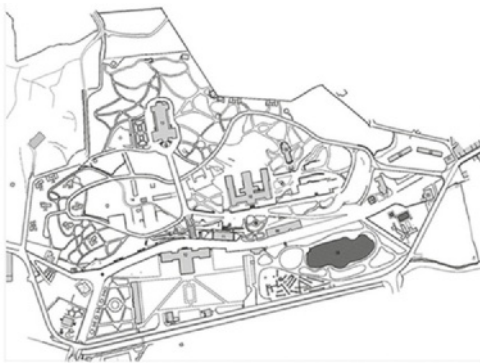
Constança é irmã de Vicente. Embora seja a mais nova do grupo, tem a capacidade para tecer comentários inteligentes quando os outros menos esperam. Com o seu espírito metódico, é considerada a “organizadora de ideias” quando os 4 Quadrantes precisam de interpretar as intrincadas pistas das aventuras com que se deparam.



Sam, um golden retriever, é a mascote dos 4 Quadrantes. Comer, apanhar pássaros e brincar são os seus principais hobbies. No entanto, quando os amigos se encontram em sarilhos, ele é o primeiro a tomar a dianteira para os proteger.

1

Acordar no paraíso



O Parque de Pedras Salgadas

Era a primeira manhã passada no Parque da Vila de Pedras Salgadas. O único dos quatro jovens a levantar-se cedo foi o Vicente, porque não queria perder pitada do ambiente que os acolhera na noite anterior. Saiu para a varanda de madeira – chamavam-lhe *deck* –, abriu as narinas e inspirou profundamente os odores quentes e amadeirados.

Em seguida, fechou os olhos e deixou que a audição se deixasse envolver pelas centenas de pipilares vindos do arvoredo em redor.

Este sítio pode vir a ser o máximo!, admitiu em pensamento.

Quando os pais lhes haviam anunciado que iriam passar uns dias em Trás-os-Montes, não parecera uma grande ideia. Afinal estavam em agosto, era tempo para gozarem a praia, era altura para combinarem encontros com os amigos. Eles tentaram disfarçar o seu desapontamento, ouvindo o argumento da mãe: «O Lourenço teve papeira e está muito debilitado. Irmos para as termas vai fazer-lhe muito bem!»

O alvoroço chegou depois, quando o irmão mais velho, o Henrique, deu a notícia de que também iria para a mesma zona: «Vou com uns amigos para um parque brutal! Tem cenas altamente radicais! Imaginem só: num Fantasticable que SÓ É considerado o melhor do mundo, vou voar a 130 quilómetros/hora, a uma altura de 150 metros, percorrendo a distância de mais de 1500 metros! Vai ser SÓ adrenalinaaaa!!».

A mãe rebolara os olhos nas órbitas, como quem diz: «Oh, não! Lá está ele com as manias radicais...»

Mas como o Henrique já era considerado um pré-adulto, lá fora com os amigos usufruir de aventuras. E eles? Eles tinham mesmo de «baixar a bolinha» – soprara o Henrique ao ouvido de Vicente – e acompanhar os pais na estadia num parque termal. Será que estância termal combinaria com aventuras? O Vicente duvidava.

Radiantes, verdadeiramente radiantes, ficaram quando souberam que os 4 Quadrantes iam estar juntos, pois a Ema, o Lucas e o *Sam* também os iriam acompanhar. Como já ia sendo habitual, o pai deles (da Ema e do Lucas... o *Sam* é um cão) – embaixador de profissão – tinha uma missão diplomática no estrangeiro, pelo que só regressaria a Portugal no outono. Aí, o caso mudara de figura. O Vicente quase juraria que aventuras e termas são inseparáveis.

O rapaz rodou nos calcanhares, com a intenção de ir acordar os outros. Encontrou o *Sam* sentado à porta da casa, olhando fixamente para ele.

– Já acordaste, amigão?

Como resposta, o grande *golden retriever* abanou a cauda felpuda e acompanhou-o até ao interior da casa.

– Vai, *Sam*! Acorda as miúdas!

Não se fazendo rogado, o cão empurrou com

o focinho a porta entreaberta do único quarto do alojamento. Deu um pequeno latido e foi lambe o rosto da dona.

Por seu turno, utilizando um punhado de caruma que havia apanhado próximo do trilho que conduzia à casa, o Vicente começou a fazer cócegas nos pés de Lucas. Estremunhado, o amigo sentou-se e quase caía do beliche.

– Fooooogo, pá! ‘Tá quieto! – bradou.

As mesmas súplicas repetiam-se no quarto, onde as raparigas tentavam fugir das lambidelas de *Sam* que, entretanto, saltara para cima da cama.

– Para, *Sam*! ‘Tá quieto!

A bagunça preparava-se para se instalar, quando o som de um telefone irrompeu.

– Atende, Constança – disse a Ema, penteando com os dedos os caracóis desalinados com a brincadeira. – Deve ser a tua mãe.

Esticando-se em toda a largura da cama, a outra levou a mão até ao auscultador do telefone pousado na mesa de cabeceira.

– Bom dia! Daqui fala da Casa do Cedro... – informou a Constança, com uma voz maviosa.

Do outro lado da ligação, alguém se apressava a dar instruções.

– *Okay*, mãe. Vamos já. Sim, mãe. Até já!

Desligou e, com uma careta, olhou para os outros.

– Última chamada para o pequeno-almoço! Vamos despachar-nos!

– Começaram as piadas básicas que me fazem rir... – atirou o Vicente, sempre pronto para irritar a irmã.

Uma almofada voou, acertando em cheio na cara do rapaz.

– E tu, se vais começar já com as tuas embirrações, prepara-te para a guerra! – avisou-o a irmã.

Divertidos, Lucas e Ema observavam a discussão que se prenunciava. Ser irmãos era aquilo mesmo: uma relação composta por explosões de fúria e de revolta, alternada com momentos de grande cumplicidade.

Mas como se impunha o respeito pelo horário de funcionamento do local que servia os pequenos-almoços, todos trataram de se arranjar o mais rápido possível.

Saíram e encheram o peito com aquele ar da manhã que cheirava intensamente a plantas silvestres.

– Uau! – exclamou a Ema, abrindo os braços.
– Acordámos no paraíso...

Estava um dia radioso. Os raios de sol entravam

por entre os frondosos ramos das árvores e os pássaros esvoaçavam satisfeitos naquele paraíso verdejante, espalhando uma imensa serenidade pelos que partilhavam a beleza do local. Os jovens sentiram aquilo que, na maior parte das vezes, o ser humano tem dificuldade em explicar quando contempla a avassaladora natureza: só lhes apetecia mergulhar nos sons, nos cheiros e nas cores, e deixarem-se inebriar de harmonia. Seguiram pelos trilhos sinuosos, entretendo-se a nomear as árvores e as casas que encontravam pelo caminho.

– Carvalho-negral. É bué alta! E tem quatro troncos – retorquiou o Lucas, orientando o olhar até à copa daquela árvore fantástica.

– Casa do Medronheiro... Casa do Bordo... – acrescentou a Constança. – Estas casinhas são tão fixes! Estão revestidas de madeira e de pedra preta. Que pedra é esta?

– É ardósia – esclareceu o Lucas, que gostava de tudo o que se relacionava com ciências. – Aquela que é utilizada nos antigos quadros pretos das escolas.

– Já repararam que a única casa que não usa os mesmos materiais é esta? – O Vicente apontava para a placa que dizia: Casa do Esquilo. – Devia ser uma casa antiga e recuperaram-na.

– Mas é amorosa! – declarou a Constança, apreciando o acolhedor alpendre.

Mais à frente, estacaram todos perante um edifício com um aspeto bastante desolador – algumas das portadas de madeira apresentavam-se partidas; as vidraças das janelas estilhaçadas permitiam que cortinas velhas e rasgadas esvoaçassem ao sabor da brisa matinal.

– Ouvi dizer que é um velho hotel – afiançou o Lucas –, mas o dinheiro não deve ter chegado para recuperarem tudo. É uma pena que um edifício tão bonito esteja assim, meio abandonado e meio arruinado.

– Ou porque está amaldiçoado... Todo o edifício parece um enorme fantasma branco – alvitrou a Constança, sentindo um arrepio nas costas.

– Hrrrunf! – fez o Vicente, olhando de soslaio para a irmã.

– Que tens tu com as maldições? – perguntou a Ema, virando-se para a amiga com um sorriso de raposa.

– Ela não passa sem espões, sem missões impossíveis... Agora é uma maldição – troçou o Vicente. – Maldição aqui, maldição ali...

– Gozem à vontade... No dia em que ouvirem

barulhos estranhos, ruídos de passos e gemidos, irão dar-me razão! – resmungou a Constança.

– Querida maninha, isso nunca vai acontecer, por duas simples razões: primeira, não vamos dormir neste hotel; segunda, tudo isso são fantasias da tua cabecinha!

Para evitar uma valente discussão, o Lucas interveio:

– Já repararam nas horas? Temos de ir!

Minutos depois, quedavam-se em frente do alojamento dos pais de Constança e de Vicente.

– Ontem, já era tão de noite que nem deu para vermos isto como deve ser – opinou a Ema. – Parece uma nave espacial!

– Pois... Será impossível haver mais coisas assim... tipo... tipo: esta casa! – acrescentou o Vicente.

Porém, muitas coisas estavam ainda para acontecer!